

Compreendendo o Jornalismo Construtivo: uma Análise das Evocações do Site Muda Tudo

*Understanding Constructive Journalism: an Analysis of the Evocations of the
Web Site “Muda Tudo”*

*Comprender el Periodismo Constructivo: un Análisis de las Evocaciones del
Sitio Muda Tudo*

Guilherme Lucian¹
Ângela Teixeira de Moraes²

Resumo:

Neste trabalho são observadas as características preliminares do *jornalismo construtivo*, as quais parecem sugerir a configuração de um novo olhar ao exercício da profissão (seja no que diz respeito à mudança de perspectiva diante de uma inclinação mais humana às realidades do cidadão ou no que concerne à própria reestruturação da natureza normativa de sua deontologia). Inicialmente, são postas em relevo suas singularidades e variações evocativas explícitas para compor um quadro de referência conceitual que sirva de norte às teorizações pretendidas. Trata-se de uma análise de conteúdo de vinte e uma matérias publicadas entre janeiro e dezembro de 2019 pelo site *Muda Tudo*, com o propósito de evidenciar os sentidos expressos por suas evocações, como sugere Bauer (2005). Foram criadas — a partir da Classificação Hierárquica Descendente de 417 segmentos de texto — quatro classes temáticas que descrevem as correlações semânticas das evocações que apresentam regularidades e discrepâncias em relação ao *vocabulário construtivo*, sendo elas as de “Atenção Ambiental”, de “Sensibilidade Cívica”, de “Ação Social” e de “Cidadania Responsável”. As *evocações construtivas* não aparentam impor tendências de noticiabilidade restritas, e sugerem um tipo diferente de sensibilidade articulada em função do relato do cotidiano. Buscou-se também pelos sentidos em segundo plano na narrativa cívica do site *Muda Tudo*, superando o seu exterior visível para delinear as propriedades formais de uma prática que aos poucos se eleva à percepção do campo jornalístico. Espera-se que, com isso, sejam destacados os traços de uma tendência epistemológica em processo.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Discurso. Construtividade. Muda Tudo.

Abstract:

In this work, the preliminary characteristics of *constructive journalism* are observed, which seem to suggest the configuration of a new view at the exercise of the profession (either with regard to the change of perspective in the face of a more human inclination to the realities of the citizen or with regard to the restructuring of the normative nature of its deontology). Firstly, its singularities and explicit evocative variations are highlighted in order to create a conceptual reference framework that serves as a guide to the intended theorizations. The content of 21 articles published between January and December 2019 through the web site “*Muda Tudo*” are analyzed, with the purpose of highlighting the meanings expressed by their evocations, as Bauer (2005) suggests. Four thematic classes were

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil, guilhermelucian@discente.ufg.br.

² Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil, prof.atmoraes@gmail.com.

created — based on the Hierarchical Descending Classification of 417 text segments — that describe the semantic correlations of the evocations that present regularities and discrepancies in relation to the *constructive vocabulary*, being those of “Environmental Attention”, “Sensitivity Civic”, “Social Action” and “Responsible Citizenship”. The *constructive evocations* do not appear to impose restricted news trends, and suggest a different type of sensitivity associated with the report of everyday life. The background senses were sought in the civic narrative of the site “*Muda Tudo*”, thus overcoming its visible exterior to outline the formal properties of a practice that gradually rises to the perception of the journalistic field. It is expected that the traces of an epistemological trend in process will be evidenced.

Keywords: Communication. Journalism. Discourse. Constructivity. Muda Tudo.

Resumen:

En este trabajo, se observan las características preliminares del *periodismo constructivo*, que parecen sugerir la configuración de una nueva mirada al ejercicio de la profesión (ya sea con respecto al cambio de perspectiva frente a una inclinación más humana hacia las realidades del ciudadano o con respecto al reestructuración de la naturaleza normativa de su deontología). Al principio, se destacan sus singularidades y variaciones evocativas explícitas para crear un marco de referencia conceptual que sirva como guía para las teorizaciones previstas. El contenido de 21 artículos publicados entre enero y diciembre de 2019 a través del sitio *Muda Tudo*, con el fin de resaltar los significados expresados por sus evocaciones, como sugiere Bauer (2005). Se crearon cuatro clases temáticas, basadas en la Clasificación Jerárquica Descendente de 417 segmentos de texto, que describen las correlaciones semánticas de las evocaciones que presentan regularidades y discrepancias en relación con el *vocabulario constructivo*, que son las de “Atención ambiental”, de “Sensibilidad Cívica”, “Acción social” y “Ciudadanía responsable”. Las *evocaciones constructivas* no parecen imponer tendencias de noticias restringidas y sugieren un tipo diferente de sensibilidad articulada según el informe de la vida cotidiana. Se buscaron los sentidos de fondo en la narrativa cívica del sitio *Muda Tudo*, superando así su exterior visible para delinear las propiedades formales de una práctica que gradualmente se eleva a la percepción del campo periodístico. Con esto, se espera que se evidencian los rastros de una tendencia epistemológica en proceso.

Palabras clave: Comunicación. Periodismo. Discurso. Constructividad. Muda Tudo.

1 INTRODUÇÃO: A QUESTÃO DE UMA NOVA PALAVRA AO JORNALISMO

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento à sua volta.”

(FOUCAULT, 2001, p. 26)³

Essa proposição de Foucault, formulada num contexto próprio de busca arqueológica por palavras de há muito ditas e (re)encontradas, remete-nos a uma questão em algum grau acimatável em relação à sua visão original: quais condições demandam a história para fazer variar um sistema de ideias segundo os termos das relações simbólicas de poder e de agonia que lhe são singulares? Ou, posto de outro modo, o que é preciso se mexer na realidade a pon-

³ “Le nouveau n’est pas dans ce qui est dit, mais dans l’événement de son retour”, em tradução livre a partir do texto original.

to de romper com os cursos esperados aos dizeres de uma época e assim pôr em relevo aquilo que aos olhos salta sem branduras?

Um sistema de ideias traz à luz sua linguagem distintiva, a qual é resultado de tensões de natureza diversa e que lhe asseguram as condições de existência. A do jornalismo, por exemplo, emerge na forma do que se convencionou chamar de notícia — isto é, uma tentativa de (re)construção tipificável da realidade a partir de parâmetros de mundo muito particulares com fins à ordenação de experiências vividas aleatórias. Eis como, nesse processo, é construída uma visão orientadora (e tanto mais opaca em sua carência de se mostrar quanto mais se pretende a ser transparente).

O ato de informar, em linhas gerais, assegura ao jornalismo um senso mais ou menos coerente de temporalidade — cuja perspectiva raramente cruza o limiar confortável que aparta o passado do presente factual. Nesse agir, porém, por vezes lhe escapa qualquer tentativa de compreensão da realidade, porque lhe basta, segundo propósitos éticos particulares, explicá-la a ponto de construir socialmente uma verdade disfarçada de consenso e legitimada como um direito cívico. Dessa pretensão, portanto, emerge a palavra definidora do seu exercício; feita, desfeita e (re)feita no tear da própria historicidade. Uma palavra-guia, por assim dizer, a qual o conecta com um horizonte possível às vistas.

À medida que o jornalismo se institucionalizou como um sistema, cuja linguagem é consolidada pelo conjunto de técnicas e de normas reguladoras à sua postura noticiosa, tornou-se protagonista por excelência de um discurso próprio — o qual é atravessado por outros discursos e relações de interesse diversas —, em vez de operar como um limiar às demais instituições da sociedade. Estas, em contrapartida, adequam-se às suas ritualidades e dinâmicas de organização das conversas sociais, porque lhe são visíveis ao passo que também relevantes à trajetória construída. Criou-se assim um modelo de referência, cujo padrão (articulado em relação aos ditames inconstantes do mercado) se esgota em narrativas que aos poucos se afastam de uma ancoragem humana. Um limiar, aliás, não opera como instância que a tudo aparta, mas tão-somente como lugar de passagem, o qual é ponto de (re)encontros e de desenlaces comungados que nos move adiante. Eis porque é necessário cruzá-lo; e então atravessá-lo na espessura de suas ressonâncias simbólicas para buscarmos horizontes em comum.

Se a dinâmica do cálculo de ganho se mostra como um contraponto aos princípios normativos do jornalismo — na medida em que vez ou outra são evidenciadas as suas tensões —, espera-se desse processo um grau mínimo de experimentação (RIBEIRO, 2016), o qual explora, para além da mercadoria, outras dimensões possíveis à trama jornalística. Não se trata apenas de desbravar caminhos alternativos ao da institucionalização sistêmica, porém,

mas de tentar (re)erguer, ou restaurar, os fundamentos éticos que firmam pontes a uma experiência explícita de comunicação. Em vez de articular-se em função de imperativos, portanto, trata-se de fazer da notícia a pretensão ao vínculo cívico (tanto mais consolidada quanto mais aberta aos destinos e valores sociais).

Seguindo à busca por tal experiência, um tipo singular de jornalismo desponta à luz por volta de 2011, e sua trajetória pronunciável firmou na história (a partir da veiculação de “boas notícias”) a urgência de um resgate deontológico na tessitura da palavra que lhe é própria — na medida em que a ideia que se tinha do processo de narrativa se distanciou das prescrições de há muito legitimadas. Deu-se a esse exercício o termo *positivo*⁴, afinal, especialmente por solicitar do cidadão, tendo como ancoragem valorativa a procura por intervenções cognitivo-comportamentais, uma mudança de atitude em relação ao mundo.

Não é possível especificar com exatidão em que grau as condições de possibilidade à narração do mundo podem ser preenchidas a ponto de qualificar como “boa” uma notícia, já que isso depende do que é tomado como referência, ou da clareza quanto à distância entre o ideal normativo e a realidade discursiva — seja no que diz respeito às características do acontecimento noticiável, ou em relação aos procedimentos éticos de sua construção. Por isso não há um rumo direto de inferência, e toda certeza deve antes considerar o sujeito em seu papel a desempenhar, qual seja: discernir e valorar-se o que é uma notícia que faz bem.

Para distanciar-se de uma prática jornalística monoenunciativa, e, sob alguns ângulos, conservadora (já que é limitada às extensões de sentido de uma única angulação noticiável), também desponta no mesmo período outro repertório ético às pronúncias legítimas da profissão. Suas diretrizes orientadoras foram propostas pelo *Constructive Institute*⁵ e pela iniciativa *Solutions Journalism Network*⁶, as quais se contrapõem à banalização e à degradação da narrativa do jornalismo para tentar regressar seu sistema normativo ao ponto fundante — que é historicamente articulado em relação às bases democráticas da comunicação. O propósito é oferecer ao público (e também ao próprio jornalista) experiências de mundo justas, solidárias

4 Para citar exemplos desse tipo de exercício jornalístico, destacam-se os sites brasileiros “Só Notícia Boa” e “Jornal de Boas Notícias”; norte-americanos como “Daily Good” e “Good News Network”; os diários franceses “Bonnes Nouvelles”, “Bonnes Nouvelles du Jour !” e “Le Journal de Bonnes Nouvelles”; ou ainda, periódicos italianos como “Buone Notizie” e L’AltraItalia”.

5 Organização dinamarquesa associada à Aarhus University. Quaisquer outras informações podem ser conferidas no endereço: <https://constructiveinstitute.org>. Acesso em: 16 jan. 2020.

6 Organização norte-americana que defende uma abordagem jornalística de soluções responsáveis aos problemas sociais. Para mais informações, recomenda-se o endereço: <https://www.solutionsjournalism.org>. Acesso em: 16 jan. 2020.

e responsáveis a partir de uma abordagem que não mais contemple unicamente os aspectos negativos e sensacionalistas da realidade.

Tendo-se em conta as mudanças na dizibilidade jornalística, este texto se propõe à análise preliminar das evocações singulares de 21 matérias publicadas entre janeiro e dezembro de 2019 pelo site brasileiro de *jornalismo construtivo* “Muda Tudo”, com o objetivo de identificar e compreender os sentidos aparentes construídos sob o rótulo de “notícia construtiva”. Interessa-nos não apenas ter clareza a respeito dos seus aspectos aparentes, afinal, mas sobretudo submeter à crítica a ênfase das escolhas temáticas e a dos riscos assumidos diante da formação de uma nova palavra posta à espessura pronunciável da profissão.

Eis, então, o problema desta investigação: até que ponto a narrativa do site *Muda Tudo* traz à luz um tipo de evocação que pode se configurar como condição comunicacional ao jornalismo? Propõe-se assim uma tentativa (não mais que isso) de partir à busca de outros sentidos éticos, elencando algumas questões teóricas emergentes de um estudo maior em andamento. O pressuposto assumido é o de que essas evocações estabilizam as características já presentes na noticiabilidade jornalística, embora também as conduza para outros rumos, os quais requerem novos sujeitos e esforços ainda inéditos.

Serão, afinal, considerados os diagnósticos do *software* de análises exploratória e estatística *Iramuteq*⁷, com o objetivo de transformar o *corpus* textual das “matérias construtivas” em segmentos controláveis à identificação e à devida classificação das suas evocações. Trata-se, portanto, de uma análise de conteúdo, com aspectos descritivos e interpretativos que são ofertados neste trabalho de investigação. As categorias analíticas emergem como elementos que sinalizam a tônica do jornalismo construtivo, como sugere Bauer (2005) ao falar da importância do referencial de codificação e de classificação para a elucidação do objetivo da pesquisa.

A análise evocativa há de servir como parâmetro à compreensão dessa variação de prática jornalística, delineando assim os elementos preliminares da estrutura dizível que (re)arranja as posições do jornalista em sua ação-tentativa de ordenar os diálogos do mundo. Interessa-nos compreender como ela inaugura — com base nos termos e ideias mais relevantes — um aporte ético-teórico que torne consciente ao jornalismo (e para além de quaisquer disposições instrumentais) um horizonte de mudança social (STREITMATTER, 2015).

7 Desenvolvido pelo Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales da Universidade de Toulouse, no sul da França.

2 A PROBLEMÁTICA DO SABER CONSTRUTIVO

São desde há muito conhecidas as tentativas de se (re)configurar em algum grau possível a narrativa jornalística. Foram-lhe impostas clivagens conceituais (tanto mais diversas quanto mais rearranjadas as ênfases dos seus relatos), as quais, a depender do propósito, especializaram o seu saber; ou, quando muito, tornaram-no obscuro por debaixo de um sem-número de véus. Essas ramificações discursivas — tais como jornalismo em rede (HEINRICH, 2013), alternativo (ATTON, 2012; BOUDANA, 2015; FORDE, 2011; HARCUP, 2013), interpretativo (SALGADO, 2011; CUSHION, 2015), partidário (BEDINGFIELD, 2013; PATTERSON; DONSBACH, 1996; LEVENDUSKY, 2013), de paz (GALTUNG; LYNCH, 2010; LYNCH, 2005; KEEBLE; TULLOCH; ZOLLMAN, 2010; KEMPF, 2007; LOYN, 2007), de ativismo (MARKSON, 2014; WALL, 2003), de advocacia (WAISBORD, 2008) e outras mais — promoveram ciclos pontuais de autocrítica, na medida em que, no seio mesmo da profissão, puseram sob rasura a certeza da inalterabilidade de sua deontologia.

Ao buscar na fluidez da dizibilidade jornalística uma variação possível — com especial atenção àquela que talvez evidencie o relevo de outro horizonte —, cria-se um exposto metodológico que é submetido à *episteme* de uma época. E para cada rizoma, atravessado por mais uns tantos em sua espessura sem fins ou inícios bem demarcáveis, tem-se uma singularidade articulada em função das falas que, tão logo desfeitas, renovam-se. Eis como a problemática da *construtividade* foi liberada como aporte teórico e como experiência de mundo explícita ao olhar do jornalista.

Em linhas gerais, assim como o fora antes em relação às outras variações de jornalismo, o saber construtivo deve a sua emergência aos muitos desgastes ético-normativos do modelo de referência — dentre os quais, para citar alguns, são mais visíveis os dos signos da linguagem informativa (que por ater-se à racionalidade orientada ao capital, raramente se permite às compreensões mais sensíveis da realidade), da articulação perigosa entre postura jornalística e tendências de mercado, ou mesmo da desfiguração gradual de seus princípios deontológicos em vista de um horizonte sempre nublado. Por tempos, o relato noticioso se limitou apenas à dimensão negativa das conversas sociais (LUCIAN; MORAES, 2019), porque a esperança é, como qualquer outro contraponto nesse sentido, menos publicável por mostrar-se mais banal e programável (MOTTA, 2002). Tal como se torna consciente à própria atividade, porém, esse saber parece não apenas fazer frente à noticiabilidade padrão que é esperada na ordem da notícia, isto é, à resposta que o próprio campo dá à orientação da sua

narrativa (AGUIAR, 2014), como também, e talvez de modo menos explícito, tenta convocar o jornalista a se reconhecer no resultado de seu trabalho.

Os critérios de noticiabilidade “conservam sua característica básica de ser um recurso redutor de classificação da realidade por meio da acentuação de aspectos isolados de um fato” (FRANCISCATO, 2014, p. 87), mas ao menos no que diz respeito à maneira como a *construtividade* se entremeia à espessura pronunciável da narrativa jornalística, a criação social da notícia não parece seguir apenas o roteiro dos valores mais aceitos ou se articular apenas em função de parâmetros de relevância tipificáveis (GUERRA, 2014) — isto é, segundo a medida variável de importância atribuída à ênfase da informação —, porque algo no modo como se adensa na sua deontologia (e no repertório de seus dizeres) sugere uma mudança de atitude orientada à consolidação de um laço mais ou menos duradouro com o cidadão. O saber construtivo não é o destaque em uma escala comparativa que determina ou avalia o ideal de perfeição e de plenitude moral pretendidos pelo jornalismo, mas sim — e com isso reforçamos a nossa propositura hipotética — o acontecimento sócio-histórico que assegura às suas pronúncias (e que por estas é também atravessado) o eco da responsabilidade cívica que em várias dimensões da existência ressoa em forma de alento e de esperança à pessoa humana. Se sua entonação explícita se limitasse apenas às expectativas da audiência — conceitualmente concebidas e sistematizadas como valores-notícia — e não propriamente às urgências sociais, pouca coisa então restaria para além do ajuste entre o relato da realidade e o seu enquadramento referencial.

É claro que, para instituir com a sociedade algum vínculo, é necessário ao campo jornalístico uma coesão de princípios éticos mais ou menos estáveis que articulem e que adequem o seu noticiário em relação às carências do cidadão, mas isso não significa que a *construtividade* seja o atributo de seleção primária dos fatos (SILVA, 2014), pois seria um macrovalor na visão dessa autora, uma vez que as classificações tradicionais nas teorias do jornalismo valorizam os microvalores⁸. Nem se trata de uma norma geral de avaliação, de escolha e de confronto diante da aleatoriedade dos eventos sociais, pois seu desígnio não parece apontar especificamente à interferência pontual e programada nessa disposição hierárquica ou na ênfase ideológica da notícia, e sim à tentativa de elevar a própria informação à condição de direito que assegura um encontro constante de humanidades, ou um macrovalor que deveria reger os demais, considerando a observação de Silva (2014). Por campo, aliás, referimo-nos à estrutura que define os termos de um sistema simbólico eficaz — para adotarmos a teorização

⁸ Para maior aprofundamento sobre valores notícias, sugerimos Traquina (2005) e Wolf (2008).

de Bourdieu (2010) —, conforme são asseguradas como legítimas as maquinarias discursivas que produzem e que fazem circular saberes relativamente autônomos. Ao serem então testadas as crenças e ajustadas as qualidades em torno de um saber caracterizado como *construtivo* (definidas de modo sistemático ou consolidadas segundo a sua coerência interna e em função de uma certa posição sócio-histórica), libera-se ao conhecimento do jornalismo os seus efeitos de sentido. Torna-se pensável, portanto; e dizível. Mas em vez de se configurar na prática como uma classificação apreciativa ou, quanto mais não seja, como um critério de atribuição valorativa, adensa-se no esforço de trazer à própria percepção o signo da solução aos problemas sociais.

A literatura acadêmica a respeito do *saber construtivo* aplicado à atividade jornalística é ainda incipiente — exemplos são encontrados em Gyldensted (2015), McIntyre (2015), Schindler (2017) e Aitamurto e Varma (2018) —, embora ponha em relevo uma regularidade ético-teórica específica: a busca por articular-se em relação à cidadania e aos processos democráticos para cruzar as fronteiras pouco porosas da função informativa e assim solicitar os cidadãos ao debate de questões cívicas — tanto mais construtivo, pois, quanto mais “voltado a iniciativas que almejam resolver os problemas da sociedade”⁹ (AITAMURTO; VARMA, 2018, p. 695). Essa abordagem parece então configurar um tipo particular de relato, o qual, por meio de evocações também singulares, (re)arranja aos poucos o sistema de ideias do jornalismo.

Se antes recaía por sobre a narrativa jornalística o peso inevitável do “imperativo da verdade” (GAUTHIER, 2010, p. 254-255)¹⁰, há agora no horizonte uma pretensão de aplicabilidade social prática — que, enquanto palavra em emergência, funda sua *dêixis*¹¹ a partir dos vestígios de história deixados pela trajetória cívica do jornalismo (com tudo o que está aí implicado: desfigurações, resgates, revisões). É nesse ponto que o cidadão parece então ser circunscrito na sequência singular da variação construtiva, na medida em que sua evocação rompe com a continuidade da função meramente informativa e abala os fundamentos da *episteme* que orienta (como também determina) a atividade noticiosa. Espécie de heterogeneidade às sombras, afinal, mas que é o fio condutor ao relato do mundo por incluir a esfera da cidadania na tessitura de seus ditos.

9 “Focuses on initiatives that seek to solve society’s problems”, em tradução livre a partir do trecho original.

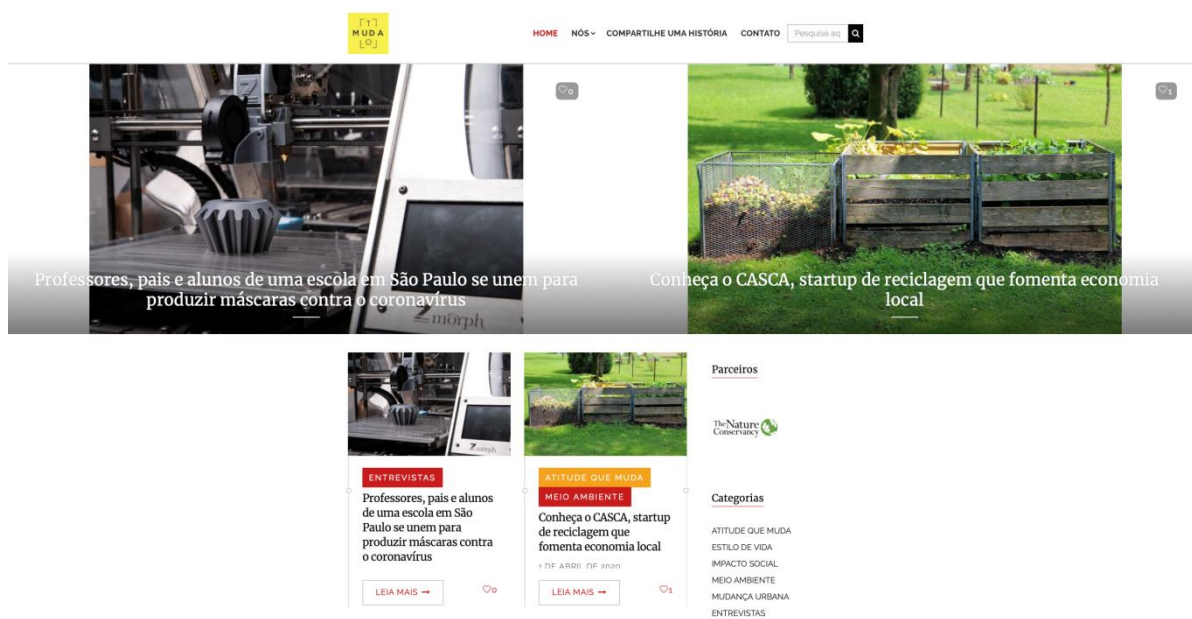
10 “Impératif de vérité”, no texto original.

11 Isto é, sua referência a uma situação enunciativa anterior (definida, real ou imaginária); e circunscrita numa tessitura temporal cujos rastros são observáveis.

O valor de troca que é também característico da profissão — o qual emerge por trilhas opostas às dos intercâmbios entre o ser social e a própria natureza discursiva do jornalismo — abre margens a um “valor-notícia-serviço” (SILVA, 2016, p. 55) cujo propósito cívico é, ao tematizar soluções possíveis aos problemas coletivos, fazer do fenômeno comunicacional uma categoria central à sua dinâmica ordenadora, aproximando-se então do mundo conforme sem medidas ou disposições instrumentais acolhe seus cidadãos.

Sendo assim, cabe-nos agora tentar compreender a característica das evocações desse tipo singular de jornalismo, especialmente no que pese trazer à luz as correlações possíveis entre a atividade de ordenação da realidade e as urgências requeridas pela vida cívica com base no que ao fim observamos no site *Muda Tudo*.

Imagem 1 — Recorte da página inicial do site *Muda Tudo*



Fonte: Muda Tudo (2012-2020)¹²

Os dados coletados nesse site serão pertinentes à análise, na medida em que, por de baixo do véu, exibirem os primeiros contornos de uma palavra que há muito se esgueira à superfície — tanto menos por ecoar a necessidade de um novo olhar sobre o mundo, mas por solicitar dos cidadãos uma mudança de consciência:

Para nós, o jornalismo precisa mais do que ser positivo. Precisa apresentar caminhos, mostrar como as pessoas podem participar da mudança em direção a uma sociedade melhor. Isso é fazer jornalismo construtivo. (O PROJETO, 2019, n/p)¹³.

¹² <https://mudatudo.com.br>

¹³ O PROJETO: a atitude individual muda tudo no coletivo. **Muda Tudo**, [S. l.], 2019. Disponível no seguinte

Por instituir-se sobre fundamentos comunicacionais, portanto, essa variação — como nenhuma outra anterior — pode talvez (re)orientar o exercício jornalístico segundo os símbolos mais sensíveis, humanos e responsáveis de um novo horizonte. Trata-se afinal de uma análise que apenas em outros momentos e espaços devidos culminará numa abordagem propriamente discursiva.

3 A CARACTERÍSTICA DAS EVOCAÇÕES CONSTRUTIVAS

Para (des)costurar os sentidos do relato construtivo, não nos ateremos à trama interna da enunciação, mas sim à espessura visível da significação de evocações que descrevem sua estrutura a partir de localizadores e de marcas linguísticas próprias — as quais apontam às circunstâncias de outra palavra em ato no jornalismo. Essa estratégia preliminar se destinou ao isolamento das unidades das 21 matérias que compõem o *corpus* textual deste trabalho antes de então reagrupá-las em conjuntos análogos segundo a organização de suas tematizações.

Nas etapas de direção de análise, de exploração do material e da própria categorização temática com base nos dados coletados¹⁴, considerou-se os diagnósticos do *Iramuteq* — os quais consistem na *lematização*, isto é, um método por meio do qual palavras são buscadas e correlacionadas de acordo com o seu radical (ignorando tempos verbais, gêneros, plurais etc.). Os textos das matérias construtivas foram coletados do próprio site e por fim convertidos em segmentos controláveis para lhes extrair, a partir de um formato manipulável ao processamento de máquina (utf-8), as frequências das palavras à classificação.

Construímos o banco de dados a partir de variáveis de comando qualitativas nominais codificadas e originalmente tituladas pelo próprio site *Muda Tudo*, as quais correspondem à sessão (*Sec) em que foram publicadas cada matéria. Sua numeração se estende numa sequência ordenada de 1 a 5, e conforme o seguinte princípio: 1 = “Atitude que Muda” (**** *Sec_1), 2 = “Impacto Social” (**** *Sec_2), 3 = “Entrevistas” (**** *Sec_3), 4 = “Estilo de Vida” (**** *Sec_4) e 5 = “Mudança Urbana” (**** *Sec_5).

Com base nisso foram realizadas as análises de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) — que consiste na distribuição das falas nos textos em classes singulares (de acordo com temáticas em comum), e a de Similitude — a qual organiza em rizomas esquemáticos a

endereço: <https://mudatudo.com.br/o-projeto/>. Acesso em 16 jan. 2020.

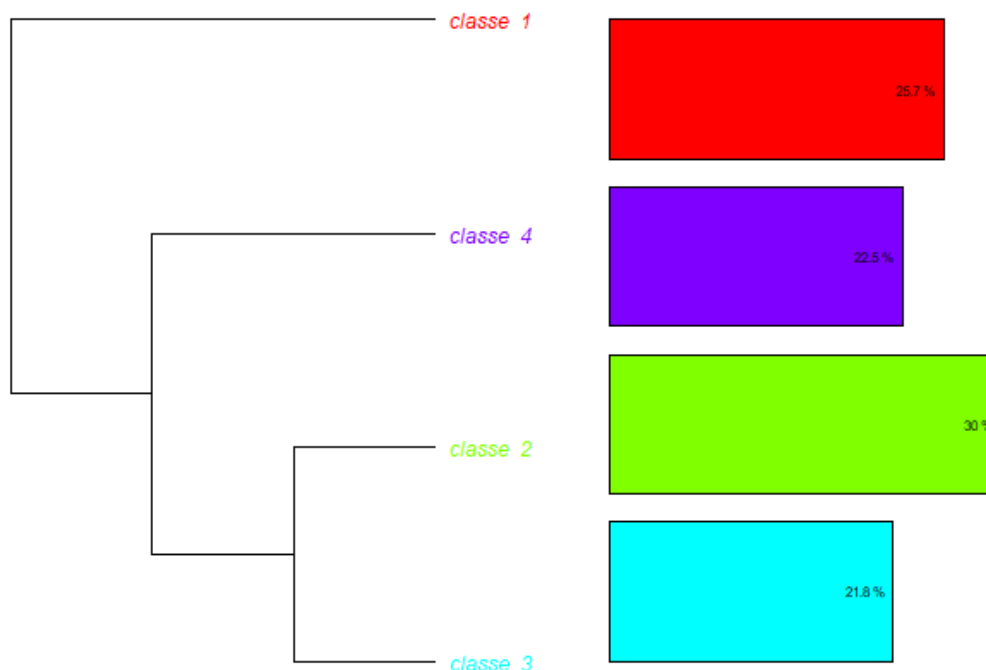
14 Semelhantes, portanto, às fases metodológicas de uma análise de conteúdo.

frequência das palavras que configuram um relato construtivo, destacando então as de maior regularidade e força para em seguida conectá-las com seu devido nexos semântico.

Os segmentos de textos (STs) foram correlacionados na CHD, tão logo formado um esquema hierárquico de classes para em seguida nomeá-las, deduzir o conteúdo do *corpus* e assim trazer à luz as evocações específicas que apresentam regularidades e discrepâncias em relação ao *vocabulário construtivo*. Cada qual dentre essas classes é caracterizada de acordo com a tendência semântica apresentada, fornecidas afinal por um teste qui-quadrado (χ^2) que, a partir da avaliação das probabilidades previstas a um evento linguístico qualquer, atribui a devida associação entre uma palavra evocada e a classe à qual se consolida o seu sentido.

Quatro classes emergiram da análise — tematizadas com base nas correlações de sentido possíveis das evocações identificadas. Na primeira iteração, isto é, no processo de repetição de uma ou mais ações de correspondência, o *corpus* foi dividido em dois grupos, resultando assim na classe 1 e em um subgrupo. À vez da segunda iteração, este subgrupo foi então repartido a ponto de criar a classe 4 (somada a um novo subgrupo). E por fim, na terceira iteração, a distribuição deu origem às classes 2 e 3.

Imagem 2 — Dendograma da classificação hierárquica descendente

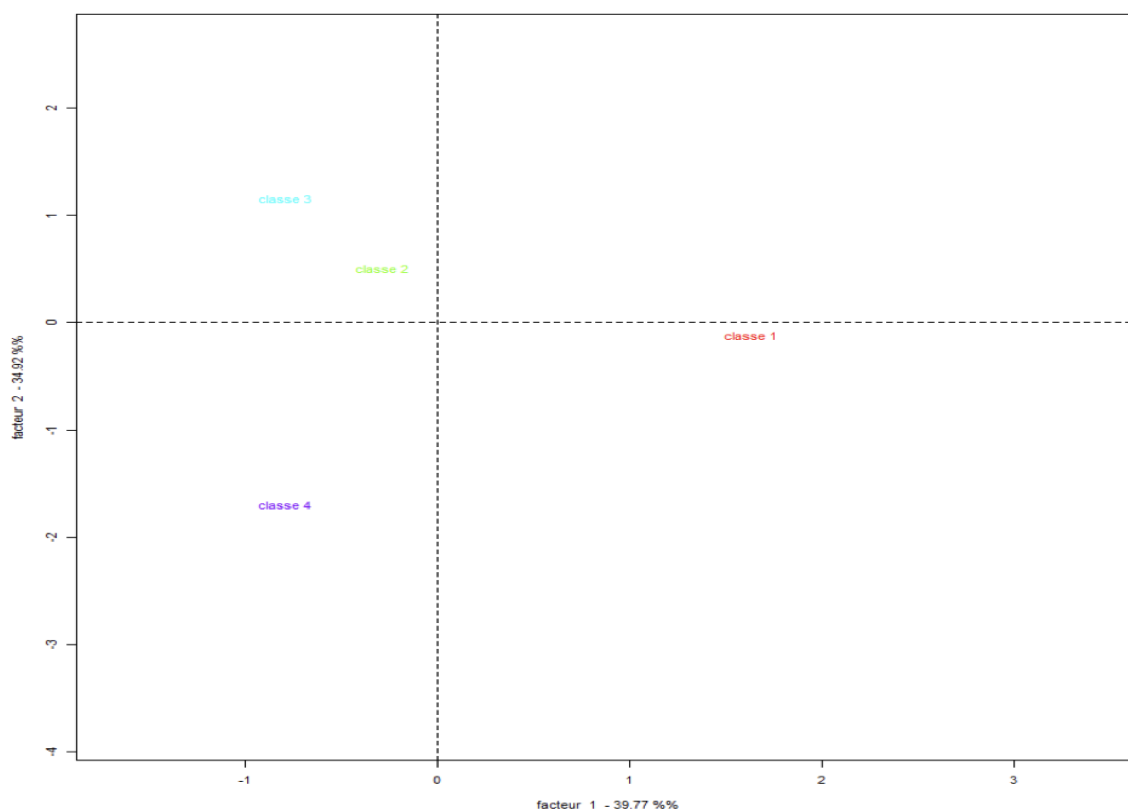


Fonte: Processada e gerada pelo Iramuteq (2020).

Com base na representação icônica que é ilustrada acima — a qual ordena as variáveis submetidas à análise da pesquisa —, observa-se que a classe 1 se distancia semanticamente

em relação às demais, ao passo que as classes 2 e 3 apresentam uma maior proximidade de sentido quando comparadas à sua vinculação com a classe 4. Foram então estruturados três agrupamentos de séries associativas, sendo um representado no quadrante direito superior pelas classes 2 e 3, outro no quadrante direito inferior pela classe 4 e um último no quadrante esquerdo inferior pela classe 1, considerados em relação ao referencial da própria imagem e tal como é demonstrado no seguinte plano:

Imagem 3 — Análise fatorial de correspondência entre as classes identificadas



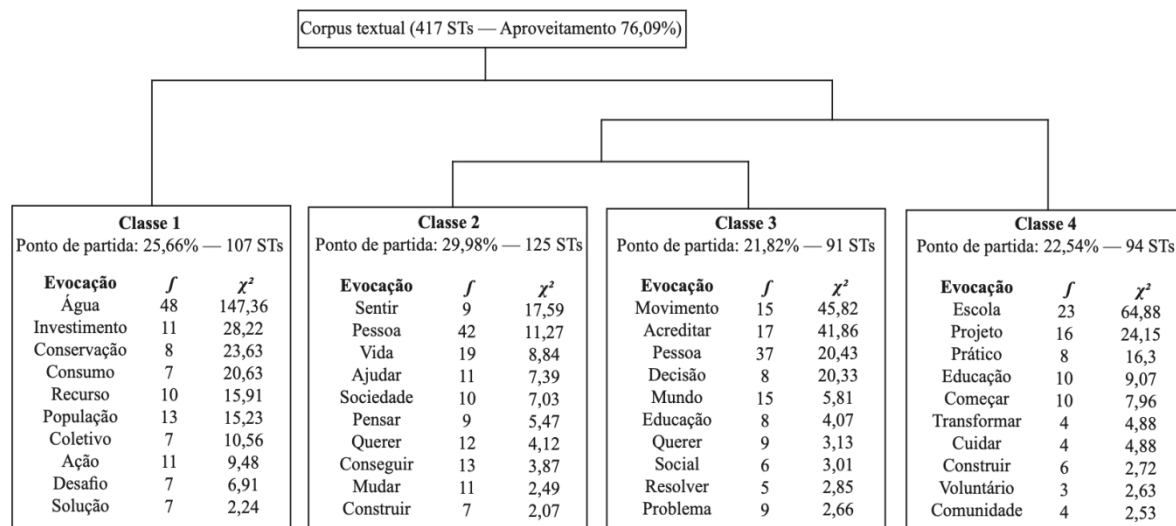
Fonte: Processada e gerada pelo Iramuteq (2020).

No eixo y do plano (vertical), onde se situam dois dentre os três agrupamentos, nota-se a correlação semântica das classes 2 e 3, com uma variabilidade de 34,92% entre suas unidades elementares de contexto. No eixo x (horizontal), a variabilidade é de 39,77%, e nele é possível perceber o distanciamento da classe 1 em relação à situação espacial dos campos de sentido das demais classes, indicando assim — e em termos fatoriais — uma maior dispersão de conceitos associados.

Para efeitos de estudo, as quatro classes foram renomeadas de acordo com as suas propriedades semânticas, convertendo-se então em: a) “Classe 1”, que deste ponto chamaremos de “*Atenção Ambiental*”; b) “Classe 2”, que diz respeito à “*Sensibilidade Cívica*” rela-

cionada a questões sociais comuns; c) “Classe 3”, formada a partir de evocações que sugerem uma “*Ação Social*” humanizada e, d) “Classe 4”, em cuja tessitura de sentido é circunscrita a urgência de uma “*Cidadania Responsável*”, conforme ilustra o seguinte esquema:

Figura 1 — Classificação e correlação de ocorrências das evocações do site Muda Tudo



Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

São acima apresentadas as 10 ocorrências (f) mais consistentes de cada classe, as quais configuram o sentido geral das evocações (mesmo diante de outras cuja regularidade era maior, embora com valores menos expressivos de χ^2). Considerou-se apenas as palavras em ordem crescente com $\chi^2 \geq 2,07$ para $P \leq 0,0001$ e $f \geq 3$, sendo P o nível de significância da sua devida associação com a classe, totalizando então 76,09% dos 417 segmentos de texto que compõem o *corpus* da pesquisa — porque excluídos da análise os artigos, pronomes, preposições, numerais e demais vocábulos que a princípio em nada alterariam as inferências.

Em “*Atenção Ambiental*”, por exemplo, são recorrentes as emergências como “ação”, “consumo”, “conservação”, “solução” e “desafio”, na justa medida em que apontam para uma mudança de atitude diante do mundo. Serviram como ponto de partida à composição da análise 107 segmentos textuais nessa classe (25,66% do *corpus* amostral), os quais incluem os sentidos das falas mais frequentes evocadas no texto jornalístico. Um modelo análogo:

A produção de lixo é um dos grandes desafios atuais. O lixo doméstico, que dentro de nossa casa parece apenas uma pequena porção do problema, é uma questão alarmante e que ainda não é encarada com a seriedade necessária. [...] Para reduzir o lixo e descartar menos alimentos, compre menos. Não se deixe levar pelo colorido das frutas na feira se não haverá tempo de consumir dentro da validade, nem pelo preço atraente de uma promoção de produtos perecíveis. Conhecer os hábitos da casa e a rotina dentro da cozinha é essencial para realizar compras corretas. (ZAMBELO, 2019a, n./p).

O ato de informar, conforme teorizado, cede vez a uma convocação; uma espécie de apelo cívico que se pretende vinculativo (ou, quanto mais não seja, imperativo) por serem ao fim [com]partilhadas as soluções aos problemas ambientais — trazidas à superfície pela linguagem distintiva da variação construtiva, a qual é menos rígida e objetiva quando comparada à do modelo noticioso de referência.

Nas recorrências da classe “*Sensibilidade Cívica*”, por sua vez, destacam-se evocações como “sentir”, “pessoa”, “ajudar” e “mudar”, as quais também indicam uma (re)orientação ao comportamento social. Os 125 STs analisados na superfície linguística do site (29,98%) correlacionam cada sentido regular das falas emergentes, compondo assim a tessitura teórica em cujo fundamento se estruturam ações sensíveis. Eis um trecho da amostra:

Empatia muda tudo. Esse é o nome da campanha que estamos lançando agora em setembro. Empatia é a habilidade de se imaginar no lugar de outra pessoa. É a nossa capacidade psicológica de sentir o que sentiria uma pessoa, caso estivéssemos na mesma situação vivenciada por ela. Quando sentimos o sofrimento do outro, despertamos nossa vontade de ajudar, nosso lado mais altruísta. Precisamos trabalhar para compreender os problemas alheios, trabalhar contra nossos preconceitos, contra nossa individualidade. Pensar cada vez mais no coletivo. (SALAMONDE, 2019, n/p)

Nesse e em outros trechos correlacionados (os quais também se articulam em função dos sentidos evocados nas demais classes do *corpus*), a dinâmica informativa não se limita à causalidade mecânico-instrumental da organização das conversas sociais, porque emerge em sua pretensão de validade específica, qual seja: a de criar pontes comunicantes entre a narrativa do jornalismo e o cidadão. Sensível, portanto, é a atitude que orienta o jornalista às disposições intuitivas (não mais racionais ou menos sistemáticas) de abertura aos universos simbólicos alheios — tal como em seu étimo latino medieval “*sensibilitas*”, por sinal, sugerindo o resgate de um saber que aos poucos se desfez quando erguidos os fundamentos da Modernidade.

Em “*Ação Social*” são mais frequentes, por exemplo, evocações como “movimento”, “decisão”, “acreditar” e “resolver”, na medida em que indicam (e reforçam) o compromisso efetivo da narração jornalística com a vida cívica. Ao todo, 21,82% da superfície linguística foi submetida à análise, no que foram também correlacionados os 91 STs para compor o arcabouço de sentidos dessa classe. Abaixo um fragmento representativo:

Assim como atualmente a preocupação com questões ambientais e sociais passa pelos atos corriqueiros, é no cotidiano que as crianças podem ser ensinadas a fazer o seu papel para um mundo melhor, dentro da sua idade e da sua capacidade de compreensão. Apagar a luz ao sair do quarto e fechar a torneira ao escovar os dentes são pequenas lições que podem ser passadas todos os dias, mas a formação dos indivíduos que o futuro pede deve ir além disso. (ZAMBELO, 2019b, n/p)

Nesse ponto foram notadas articulações temáticas entre as classes analisadas, assim como correlações de narrativas ajustadas ao que parece ser o propósito do jornalismo construtivo: despertar (para daí então convocar) mudanças de atitude que se firmam por sobre soluções moralmente sinalizadas — não mais transmitidas pela estrutura enunciativa apenas, mas compartilhadas com fins à construção de valores cívicos duradouros. Por extrapolar o escopo conceitual deste trabalho, contudo, deixaremos para outros espaços uma análise mais rigorosa dos princípios e imperativos éticos que sustentam tal propósito, quando então questionaremos em que medida são considerados conservadores.

Por fim, em “*Cidadania Responsável*” as regularidades são expressas por evocações como “projeto”, “educação”, “transformar” e “comunidade”, as quais indicam uma mudança de referência temporal assumida (e sustentada) pela variação singular da *construtividade*, qual seja: o futuro tomado por parâmetro às soluções sociais situadas no presente. Serviram à análise 94 STs, o que representa 22,54% dos sentidos evidenciados pela superfície linguística. Destacam-se então os seguintes extratos representativos:

É importante reforçar a conscientização em todas as camadas e incentivar os consumidores a valorizar produtos reciclados e buscar uma moda mais sustentável. Alguns dos novos processos de reciclagem química ainda não estão disponíveis no mercado, mas estão a caminho para transformar esse cenário. (ZAMBELO, 2019c, n/p)

Deixe o carro na garagem sempre que possível e tente mostrar como é agradável se movimentar pela cidade de outras formas. Uma caminhada até a escola, fazer pequenos percursos de bicicleta ou utilizar o transporte público, quando feito de forma segura, vai formar pessoas mais preparadas para as cidades do futuro, onde a mobilidade será mais variada e depender de automóvel não vai ser mais a melhor opção. (ZAMBELO, 2019b, n/p).

A narrativa jornalística assume um caráter sociopedagógico, diferente do padrão noticioso esperado pelo modelo de referência — o qual geralmente se limita à explicação dos acontecimentos, escapando-lhe quaisquer indícios de responsabilidade expressos em propostas de solução aos problemas da sua época. Cria-se assim uma linguagem distintiva (um novo signo a uma nova palavra orientadora); e tanto mais eficaz quanto mais fundamentada a partir de princípios ético-formativos que configuram os traços de um horizonte experimentável ao jornalismo. Tais princípios, por sua vez, podem talvez inaugurar um laço social mais duradouro quando comparado ao que emerge da pretensão de ordenamento dos eventos cotidianos, sem se distanciar de um projeto educacional consistente e que das vistas não perde a cidadania.

Ao núcleo, pelo ponto nodal no qual atravessam e se espraiam os rizomas de maior espessura, são encontradas evocações como “transformar”, “resolver” e “criar”, na medida em que parecem articular o relato do jornalismo em função de propósitos diferentes quando comparados aos da mera descrição informativa que lhe é por vezes dominante e [im]posta.

Cada qual dentre essas análises, portanto, teve como fim a busca dos sentidos em segundo plano na narrativa cívica do site *Muda Tudo* — os quais definem as regras e estratégias de relato que trazem à luz as evocações da *construtividade*, superando o exterior visível do *corpus* a ponto de encontrar os seus jogos de sentido pressupostos. As evocações investigadas, mesmo que inconscientemente postas ao alcance dizível do jornalismo, talvez consolidem novas condições de existência que porventura assegurarão a participação em relação ao questionamento do nosso tempo.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para atar com pontos miúdos a tessitura conceitual deste texto, são necessários alguns remendos. A variação construtiva ainda não tem forças a ponto de controlar (para então reorientar) a base cognitiva do jornalismo, verdade — embora firme na trajetória evocativa de sua palavra um conjunto de conhecimentos distintos e em algum grau estáveis, os quais abalam, mesmo que timidamente, cada fundamento que sustenta as inconstâncias da estrutura jornalística. Eis porque, para alterar os papéis normativos da profissão (ou, quanto mais não seja, para dar-lhe outro propósito à própria deontologia) a *construtividade* pretendida por sua narrativa deve converter-se em fenômeno vincutivo e sociocultural; surgido de uma circulação simbólica de sentidos em contextos que assegurem valores plurais de cidadania como “estratégia de luta para uma nova sociedade” (MANZINI, 2002, p. 40) e para um novo jornalismo.

As *evocações construtivas* não aparentam impor tendências de noticiabilidade restritas ao exercício jornalístico, porque emergem de inúmeras narrativas que, de modo geral, circunscrevem nas próprias malhas pronunciáveis um conjunto mais ou menos organizado de funções pragmáticas ilocucionárias diretivas (VAN DIJK, 2008) —, tais como conselhos, apelos, imperativos sustentados como urgentes e necessários ou mesmo solicitações à participação cívica. Um tipo novo de sensibilidade, portanto; mas que é também a interposição concreta da esperança nos eixos de onde antes estivera ausente.

Talvez seja pertinente entrever no *Muda Tudo* — tal como em outras iniciativas com propósitos semelhantes —, um esforço ainda incipiente de ancorar na narrativa do jornalismo a pretensão vinculativa que é o correlato, em suas várias curvas descritas, de uma solidariedade social (SILVA, 2002) fundada por processos comunicacionais duradouros e exposta en-

quanto macrovalor jornalístico. Esforço este que, afinal, tenta aos poucos lhe extrair dos sentidos um olhar inédito; tanto mais iluminado quanto mais se presta à solução dos problemas ao interrogar o mundo.

Faltam evidências para quaisquer outras induções, sim, mas às vistas já despontam os contornos éticos da orientação construtiva; não mais moldados por imperativos de mercado ou pelas urgências da função informativa que sem compaixão traduz os acontecimentos vividos ao converter-se em componente do capital. Erguem-se os princípios dos mecanismos de cooperação possíveis quando postas sob rasura as condutas do jornalista, e como tal é preparado o chão para experiências explícitas de cidadania.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. A. D. Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo. *In: SILVA, G.; SILVA, M. P. D.; FERNANDES, M. L. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.* Florianópolis: Insular, 2014. cap. 11, p. 219-235.

AITAMURTO, T.; VARMA, A. The constructive role of journalism. **Journalism Practice**, v. 12, n. 6, p. 695-713, ago. 2018.

ATTON, C. Alternative journalism: ideology and practice. *In: ALLAN, S. The routledge companion to news and journalism.* 2. ed. New York: Routledge, 2012. p. 169-178.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.* Petrópolis: Vozes, 2005. p. 189-217.

BEDINGFIELD, S. Partisan journalism and the rise of the republican party in South Carolina, 1959-1962. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, New York, v. 1, n. 90, p. 5-22, jan. 2013.

BOUDANA, S. Impartiality is not fair: toward an alternative approach to the evaluation of content bias in news stories. **Journalism**, New York, p. 600-618, mar. 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CUSHION, S. **News and politics: the rise of live and interpretative journalism.** New York: Routledge, 2015.

FORDE, S. **Challenging the news: the journalism of alternative and community media.** New York: Palgrave MacMillan, 2011.

FOUCAULT, M. **L'ordre du discours: leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970.** Paris: Guallimard, 2001.

FRANCISCATO, C. E. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. *In: SILVA, G.; SILVA, M. P. D.; FERNANDES, M. L. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.* Florianópolis: Insular, 2014. cap. 5, p. 85-113.

GALTUNG, J.; LYNCH, J. **Reporting conflict: new directions in peace journalism.** St. Lucia, Austrália: University of Queensland Press, 2010.

GAUTHIER, G. Le journalisme de communication : expression de conviction et moralisme. **Les Cahiers du journalisme**, Québec, p. 254-273, 2010.

GUERRA, J. L. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. *In: SILVA, G.; SILVA, M. P. D.; FERNANDES, M. L. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.* Florianópolis: Insular, 2014. cap. 2, p. 39-49.

GYLDENSTED, C. **From mirrors to movers: five elements of positive psychology in constructive journalism.** London: GGroup Publishers, 2015.

HARCUP, T. **Alternative journalism, alternative voices.** New York: Routledge, 2013.

HEINRICH, A. News making as an interactive practice: global news exchange and network journalism. *In: PETERS, C.; BROERSMA, M. Rethinking journalism: trust and participation in a transformed news landscape.* London: Routledge, 2013. cap. 6, p. 89-100.

KEEBLE, R.; TULLOCH, J.; ZOLLMAN, F. **Peace journalism, war and conflict resolution.** New York: Peter Lang, 2010.

KEMPF, W. Peace journalism: a tightrope walk between advocacy journalism and constructive conflict coverage. **Conflict & Communication**, Berlin, v. 6, n. 2, p. 1-9, fev. 2007.

LEVENDUSKY, M. **How partisan media polarize America.** Chicago: University of Chicago Press, 2013.

LOYN, D. Good journalism or peace journalism? **Conflict & Communication**, Berlin, v. 6, n. 2, p. 1-10, fev. 2007.

LUCIAN, G.; MORAES, Â. T. D. Caminhos para um outro jornalismo: do discurso à situação comunicativa da “boa enunciação”. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 21., 2019, Goiânia. **Anais [...].** Goiânia Intercom, 2019. Disponível em:

https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/lista_area_DT01.htm. Acesso em: 9 jan. 2020.

LYNCH, J.; MCGOLDRICK, A. **Peace journalism.** Stroud: Hawthorn Press, 2005.

MANZINI, M. D. L. **O que é cidadania.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MARKSON, S. Activism and threat to journalism. **The Australian**, Sidney, 1 set. 2014. Disponível em: <https://www.theaustralian.com.au/business/media/activism-a-threat-to-journalism/news-story/d297a036033def6c0ac14d49f4291619>. Acesso em: 9 jan. 2020.

MCINTYRE, K. E. **Constructive journalism**: the effects of positive emotions and solution information in news stories. Dissertation (Masters Communication) - University of North Carolina at Chapel Hill in the School of Journalism and Mass Communication, 2015.

MOTTA, L. G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. *In*: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. **O jornal**: da forma ao sentido. Tradução de Sérgio Grossi Porto. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. cap. 16, p. 305-319.

PATTERSON, T. E.; DONSBACH, W. News decisions: journalists as partisan actors. **Political Communication**, London, v. 13, n. 4, p. 455-468, maio 1996.

RIBEIRO, L. M. A condição cidadã. *In*: SIGNATES, L.; MORAES, Â. **Cidadania comunicacional**: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. cap. 3, p. 69- 109.

SALGADO, S.; STRÖMBÄCK, J. Interpretative journalism: a review of concepts, operationalizations and key findings. **Journalism**, New York, v. 13, n. 2, p. 144-161, nov. 2011.

SALAMONDE, Patrícia. Empatia muda tudo! **Muda Tudo**, [S. l.], 2 set. 2019. Disponível em: <https://mudatudo.com.br/empatia-muda-tudo/>

SCHINDLER, T. **Konstruktiver journalismus in der tagesaktuellen**: eine qualitative untersuchung über chancen und grenzen. Masterarbeit - Sprach — und Literaturwissenschaftliche Fakultät, Eichstätt, Baviera, 2017.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. *In*: SILVA, G.; SILVA, M. P. D.; FERNANDES, M. L. **Crítérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014. cap. 3, p. 51-69.

SILVA, L. M. D. Imprensa, discurso e interatividade. *In*: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. **O jornal**: da forma ao sentido. Tradução de Sérgio Grossi Porto. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. cap. 13, p. 253-271.

SILVA, L. M. D. Informação e mudança: repensando o conceito de comunicação e de processos na comunicação social. *In*: SIGNATES, L.; MORAES, Â. **Cidadania comunicacional**: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. cap. 2, p. 37-65.

STREITMATTER, R. **A force for good**: how the american news have propelled positive change. Maryland, EUA: Rowman & Littlefield, 2015.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular 2005. v. II.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Contexto, 2008.

WAISBORD, S. Advocacy journalism in a global context. *In*: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. **The handbook of journalism studies**. New York: Routledge, 2008. p. 371-385.

WALL, M. Social movements and the net: activist journalism goes digital. *In:* KAWAMOTO, K. **Digital journalism: emerging media and the changing horizons of journalism.** Oxford: Rowman & Littlefield, 2003. p. 113-122.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZAMBELO, Juliana. Como reduzir o lixo produzido na cozinha. **Muda Tudo**, [S. l.], 28 jan. 2019a. Disponível em: <https://mudatudo.com.br/como-reduzir-o-lixo-produzido-na-cozinha/>.

ZAMBELO, Juliana. Crianças conscientes para um futuro melhor. **Muda Tudo**, [S. l.], 17 jan. 2019b. Disponível em: <https://mudatudo.com.br/criancas-conscientes-para-um-futuro-melhor/>

ZAMBELO, Juliana. Reciclagem química para uma moda sustentável. **Muda Tudo**, [S. l.], 4 fev. 2019c. Disponível em: <https://mudatudo.com.br/reciclagem-quimica-para-uma-moda-sustentavel/>